

“KARL UND MARTIN”: EXISTE ALGUMA INFLUÊNCIA DE MARTINHO LUTERO EM KARL MARX?

FRANCISCA JAQUELINI DE SOUZA VIRACÃO*
 UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI
 CRATO – CEARÁ – BRASIL



RESUMO

O presente artigo pretende discutir se existe alguma influência do reformador Martinho Lutero no pensamento econômico de Karl Marx, inclusive debatendo se Marx pode ou não ser considerado um “luterano não praticante”, já que foi batizado e fez confirmação. Justamente por ter feito a confirmação de seu batismo aos 16 anos, Marx teve que estudar o Catecismo Menor de Lutero, onde a explicação do reformador para os mandamentos de não matarás e não roubarás podem ter exercido forte influência em Marx para o desenvolvimento posterior de seu conceito de exploração. O artigo pretende analisar as três obras específicas de Lutero sobre economia, para ver pistas de sua influência em Marx, especialmente por ser citado Lutero em O Capital.

Palavras-chave: Marx; Lutero; Economia.

ABSTRACT

This article aims to discuss whether there is any influence of the reformer Martin Luther on Karl Marx's economic thought, including debating whether Marx can or cannot be considered a “non-practicing Lutheran”, since he was baptized and confirmed. Precisely because he was confirmed at the age of 16, Marx had to study Luther's Small Catechism, where the reformer's explanation of the commandments of “thou shalt not kill” and “thou shalt not steal” may have had a strong influence on Marx for the later development of his concept of exploitation. The article aims to analyze Luther's three specific works on economics, to see clues to their influence on Marx, especially since Luther is cited in Capital.

Keywords: Marx; Luther; Economy.

RESUMEN

El presente artículo pretende discutir si existe alguna influencia del reformador Martín Lutero en el pensamiento económico de Karl Marx, incluyendo el debate sobre si Marx puede o no ser considerado un "luterano no practicante", ya que fue bautizado y realizó la confirmación. Justamente por haber hecho la confirmación de su bautismo a los 16 años, Marx tuvo que estudiar el Catecismo Menor de Lutero, donde la explicación del reformador sobre los mandamientos de no matarás y no robarás puede haber ejercido una fuerte influencia en Marx para el desarrollo posterior de su concepto de explotación. El artículo pretende analizar las tres obras específicas de Lutero sobre economía, para ver pistas de su influencia en Marx, especialmente porque Lutero es citado en El Capital.

Palabras clave: Marx; Lutero; Economía.

* Historiadora (URCA) com mestrado em Ciências da Religião (Mackenzie), doutorado em Teologia (Faculdades EST) e pós-doutorado em Economia (PUC-SP). Professora Assistente D na Universidade Regional do Cariri no curso de Ciências Econômicas do campus de Iguatu, líder do GRUPHEC - Grupo de Pesquisa em História Econômica e Economia Política. E-mail: jaquelini.souza@urca.br.

INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende debater até onde pode-se perceber a influência de Martinho Lutero na obra *O Capital* de Karl Marx. O texto começa indagando se Marx pode ser considerado luterano, já que seu pai decidiu que a família toda se converteria, tendo sido Marx batizado, juntamente com seus irmãos, quando tinha 6 anos e feito Confirmação (A crisma luterana), aos 16 anos. Discute se os textos estudados durante o ensino confirmatório, especialmente o *Catecismo Menor de Lutero* teria exercido influência em seu pensamento, através da interpretação de Lutero dos mandamentos de não matar e não roubar.

Em seguida o artigo faz uma análise do pensamento econômico de Martinho Lutero, especialmente na obra *Comércio e Usura* de 1524. Nesta parte o artigo procura demonstrar que a visão de Lutero sobre a economia marcou profundamente as nações que fizeram a Reforma Luterana, como a Dinamarca e a Alemanha, e que esta influência certamente também recaiu sobre Marx, mesmo ele vindo de origem judaica e estudado e vivido em uma cidade católica.

Por fim o texto parte para a obra de Lutero que Marx cita em *O Capital*, *Aos pastores para que se pregue contra a usura* de 1540, descrevendo especificamente as citadas por Marx, para compreender em que medida o pensamento do reformador foi importante para seu entendimento de exploração e da forma como o capitalismo produz riqueza em detrimento do sofrimento alheio.

MARX ERA LUTERANO?

Esta pergunta parecerá para alguns até ofensiva, e muitos responderiam prontamente e enfaticamente: “Claro que não!” De fato, Marx em sua fase madura não demonstrou ter qualquer fé no Cristianismo. Se em sua mente e coração não havia fé, formalmente falando, se batizado foi como luterano, e se nunca pediu oficialmente para se desligar da igreja, ou ser excomungado pela própria, então não se pode dizer que Marx não era luterano, nem que seja apenas como mera formalidade.

E não apenas batizado, Eugene Karmenka, em sua obra *The Portable Karl Marx*¹, afirma que, além do batismo em 26 de agosto de 1824, fez sua confirmação² em 23 de março de 1834³. Em seu livro, Karmenka fala que tais rituais ocorreram na *Evangelical Church*, um termo genérico para falar da *Evangelische Kirche im Rheinland*, uma das igrejas territoriais alemãs.

Trier, a cidade que Marx nasceu na antiga Província do Reno (1822-1946), hoje o atual estado da Renânia-Palatinado na Alemanha, décadas antes do seu nascimento, foi invadida por Napoleão, fato que levou ao fim do Sacro Império Romano Germânico, em 1806. Com a queda de Napoleão, o Congresso de Viena criou a Confederação Germânica ou *Deutscher Bund*, as duas principais forças desta confederação eram o Império Austríaco e o Reino da Prússia.

A antiga província do Reno era a província mais ocidental do Reino da Prússia, surgiu da junção do antigo Grão-Ducado do Baixo-Reno e da província de Jülich-Kleve-Berg. O Grão-Ducado do Baixo-Reno foi uma das dez províncias originais que o Reino da Prússia conquistou após o Congresso de Viena, em 1815, e Treir, a cidade que Marx nasceu, era a sede administrativa do Grã-Ducado. Seu rei, Frederico Guilherme III da Prússia, pertencia a minoritária parcela de calvinistas alemães, e decidiu unir à força as igrejas luteranas com calvinistas em 1817 no que ficou conhecido como União Prussiana, o que revoltou os luteranos.

Apesar da união imposta pelo rei com os calvinistas, a grande maioria das igrejas territoriais alemãs que foram obrigadas a se unir aos calvinistas, permaneceram teológica e liturgicamente luteranas, simplesmente por serem a grande maioria dos protestantes alemães. Portanto, quando Marx nasce em 1818, vem ao mundo na sede administrativa do Grão-Ducado do Baixo Reno, cuja igreja luterana local foi unida à força aos calvinistas, no ano anterior.

Porém a *Evangelische Kirche im Rheinland*, apesar de ser uma igreja unida (luterana e calvinista), é claramente luterana, com apenas uma base confessional calvinista, o catecismo de Heidelberg e dois documentos ecumênicos modernos, os demais, são as confissões luteranas, o

¹ KARMENKA, Eugene. *The portable Karl Marx*, New York: Penguin Books, 1983.

² Ritual em que adolescentes confirmam seu batismo infantil, é assemelhado à crisma católica.

³ KARMENKA, 1983: p. LII. Pode ser lido online: <https://archive.org/details/portablekarlmarx0000marx/page/n51/mode/2up?q=confirmed>.

Catecismo Menor de Lutero, a Confissão de Augsburgo e os credos da Igreja Antiga (Credos dos Apóstolos, Niceno-Constantinopolitano e Atanasiano). A igreja tem o ritual luterano da confirmação para os que foram batizados quando crianças, o que não existe entre os calvinistas. Além do que, a igreja segue o calendário litúrgico, o que é raro entre calvinistas e os pastores e pastoras vestem o talar preto luterano. Enfim, a *Evangelische Kirche im Rheinland* é uma igreja luterana.

Segundo a cronologia de vida de Marx feita por Eugene Karmenka, ele foi batizado em 26 de agosto de 1824. Quando é batizado, já vive sob a Província do Reno, parte do Reino da Prússia, integrante da Confederação Germânica. Marx pertence a uma família convertida que vem de uma longa linhagem de rabinos judeus. Para José Paulo Neto, o pai de Marx, Heinrich converteu-se ao protestantismo por ser um racionalista⁴, sem querer discordar do mestre. Mas era plenamente possível ser um racionalista judeu, inclusive, no fim do século XVIII, surgiram várias correntes racionalistas judaicas⁵.

Sejam quais forem os motivos que levaram Heinrich Marx a converter-se e batizar seus filhos na *Evangelische Kirchengemeinde Trier* (Paróquia Evangélica de Trier), pertencente a *Evangelische Kirche im Rheinland* (Igreja Evangélica da Renânia), o fato é que Marx cumpriu os rituais. Foi batizado aos 6 anos e aos 16 confirmou seu batismo com o ritual da Confirmação em 23 de março de 1834. A *Evangelische Kirche im Rheinland* considera que toda pessoa batizada é membro da igreja, em uma tradução livre de seu portal pode-se ler que: “Com o batismo, uma pessoa é aceita na comunidade cristã mundial. Na Igreja Evangélica da Renânia, os batismos são celebrados no serviço congregacional para tornar visível e tangível: Esta pessoa agora faz parte da nossa congregação”⁶.

⁴ NETO, José Paulo. *Karl Marx, uma biografia*. São Paulo: Boitempo, 2020.

⁵ PINKUSS, Fritz. Tipos de Pensamento Judaico (IV). *Revista de História*, São Paulo, v. 51, n. 101, p. 25–40, 1975.

⁶ No original: “Mit der Taufe wird ein Mensch in die weltweite christliche Gemeinschaft aufgenommen. In der Evangelischen Kirche im Rheinland werden Taufen im Gemeindegottesdienst gefeiert, um sichtbar und erfahrbar zu machen: Dieser Mensch ist nun Teil unserer Gemeinde.” <https://www2.ekir.de/thema/taufe/>.

Em outra parte, também afirma que: “O batismo é válido para toda a vida. Mesmo aqueles que mais tarde deixam sua Igreja permanecem batizados”⁷. Portanto, para a igreja em que Marx foi batizado, ele continua sendo um batizado e alvo da graça de Deus, mediante o sacramento do batismo, mesmo que não tenha sido um luterano praticante.

Sendo assim, Marx se tornou luterano e membro da *Evangelische Kirche im Rheinland* com seu batismo, aos 6 anos de idade. O adolescente Marx fez o ensino confirmatório, um ritual luterano no qual o jovem confirma a fé de seu batismo quando criança. No Portal da Igreja da Renânia lê-se o seguinte: “Os artigos 82 a 84 da Ordem da Igreja do EKIR e os §§ 19 a 22 da Lei do Código da Vida contêm informações básicas sobre o trabalho de confirmação na Renânia. Por um lado, o básico é nomeado lá: Bíblia, catecismo e hinário”⁸.

Marx estudou a Bíblia, o Catecismo Menor de Lutero e o Hinário Luterano, além disso, ele precisava ter uma frequência regular nos cultos. Então, por boa parte de sua adolescência teve uma vida piedosa de luterano de seu tempo. É possível conjecturar até que ponto o Catecismo Menor de Lutero tenha influenciado a visão de mundo do jovem Marx, especialmente no que tange as explicações para os mandamentos de não matarás e não roubarás.

O Catecismo Menor de Lutero é um livreto para uso de educação cristã escrito por Lutero em 1529, no qual consiste em uma explicação básica sobre o cristianismo em forma de perguntas e respostas sobre os 10 mandamentos, o credo apostólico, o pai nosso, os sacramentos do batismo e do altar (eucaristia) e o ministério de confissão e absolvição. O Catecismo Maior de Lutero também foi publicado em 1529 e destina-se a pastores e pais com explicações e aprofundamento teológico para as aulas de catecismo.

É provável que Marx tenha sido influenciado pela explicação do sétimo mandamento que diz: “Não roube. Que significa isto? Devemos temer e amar a Deus e, por isso, não tirar o dinheiro ou os bens do próximo nem nos apoderar deles por meio de mercadorias falsificadas

⁷ No original: “Die Taufe gilt ein Leben lang. Auch wer später aus seiner Kirche austritt, bleibt doch getauft.” <https://www2.ekir.de/inhalt/taufe-antworten-auf-die-wichtigsten-organisatorischen-und-rechtlichen-fragen/>.

⁸ No original: “In den Artikeln 82 – 84 der Kirchenordnung der EKIR und in den §§ 19 – 22 des Lebensordnungsgesetzes findet sich Grundlegendes zur Konfirmandenarbeit im Rheinland. Einerseits sind dort die Grundlagen benannt: Bibel, Katechismus und Gesangbuch. <https://pti.ekir.de/inhalt/wo-steht-was/>.”

ou negócios desonestos; mas devemos ajudá-lo a conservar e melhorar seu meio de vida”⁹. Assim como pela explicação do quinto: “Não mate. Que significa isto? Devemos temer e amar a Deus e, por isso, não agredir nem ferir o nosso próximo; mas devemos ajudá-lo para que tenha tudo de que precisa para viver”¹⁰.

No Catecismo Maior, feito para os pais, pastores e professores dos confirmandos, Lutero deixa claro que a exploração é pecado de roubo e morte. O professor de ensino confirmatório de Marx, muito provavelmente explicaria aos jovens de sua turma de ensino confirmatório conforme o exemplo citado pelo reformador:

Terão destino idêntico os demais que transformam o livre mercado público em esfoladouro e antro de salteadores, onde diariamente se defraudam os pobres e se inventam novos ônus e altas de preços. Cada qual faz uso do mercado a seu bel-prazer e ainda se mostra desafiador e arrogante, como se a pleno direito pudesse vender seus bens tão caro quanto lhes pareça, e a ninguém fosse permitido fazer objeções¹¹.

Semelhantemente é sua explicação para o quinto mandamento, “não matarás”. Lutero entende que não matar não é somente não tirar a vida de alguém, mas também todo aquele que pratica o mal já matou, assim como não lhe dar condições materiais de sobreviver. No coração de sua longa explicação sobre este mandamento no Catecismo Maior não resta a menor dúvida quanto a isto:

Por conseguinte, a suma toda do que significa “não matar”, e que deve ser gravada com máxima clareza na mente das pessoas simples, é o que segue: em primeiro lugar, a ninguém devemos fazer mal. Primeiramente, não com as mãos, ou por atos; em seguida, que não se use a língua para advogar ou aconselhar tais atos. Além disso, que não usemos nem consintamos nenhum meio ou procedimento com que se possa maleficiar alguém. E, finalmente, que o coração não seja hostil a nenhuma pessoa, nem por ira e ódio lhe deseje o mal. Cumpre, portanto, que o corpo e a alma sejam inocentes relativamente a todos, mas especialmente quanto àquele que te deseja ou causa o mal; porque praticar o mal contra pessoa que te deseja e faz o bem, não é humano, é diabólico. Em segundo lugar, transgride

⁹ <https://legado.luteranos.com.br/textos/catecismo-menor-martin-lutero>.

¹⁰ <https://legado.luteranos.com.br/textos/catecismo-menor-martin-lutero>.

¹¹ LUTERO, Martinho. *Catecismo Maior In: Martinho Lutero, Obras Seleccionadas*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2016, p- 325-446.

este preceito não só quem pratica ações más, senão também aquele que, podendo fazer o bem ao próximo, e obviar, obstar, proteger e salvar, de modo que nenhuma mal ou dano lhe suceda no corpo, todavia não o faz. Assim, se despedes uma pessoa desnuda quando poderias vesti-la, deixaste-a sucumbir ao frio; se vês alguém que sofre fome e não o alimentas, estás permitindo que morra de fome. Da mesma forma, se vês alguém condenado à morte, ou em abertura similar, e não o salvas, posto conheças meios e maneiras de fazê-lo, então o mataste. E coisa nenhuma te valerá incumprimento só porque não entraste com ajuda, conselho e atos, pois lhe negaste a caridade e o despojaste do benefício que lhe teria salvo a vida¹².

Lutero está afirmando que matar e roubar vão muito além de tirar um bem ou a vida de alguém, mas não lhes dar as condições materiais necessárias para sobreviver. No trecho, destaca-se condições materiais, não se fala de condições espirituais, mas de “comida na boca” mesmo! Como isto deve ter soado nos ouvidos do jovem Marx, que vivia em uma Renânia em pleno processo de industrialização? É bem possível que chegasse à conclusão de que a exploração seria uma forma de morte e roubo.

Em sua obra, *Karl Marx, vida e pensamento*, José Paulo Neto destaca que como pré-requisito para sua graduação no Ginásio, Marx escreveu três redações, em que uma delas era sobre religião, intitulada “A união dos fiéis com Cristo”, que segundo José Paulo Neto “foi desenvolvida por Marx a partir da concepção do cristianismo própria ao protestantismo iluminista”¹³. O professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Marcos José de Araújo Caldas discorda, já que para ele a redação tem nítida influência de Lutero. Em seu artigo intitulado *O jovem Marx e Lutero*, Caldas afirma que:

Aqui Marx toca em dois pontos caros à Teologia de Lutero: a unio cum Cristo (BARTH, 1988: 538-539) e a questão da irmandade entre os Homens. O foco de Marx, como é o de Lutero, é o que se conhece por União com Cristo: isto é a identificação que cada ser humano tem para com o Cristo pregado na cruz. Esta identidade não elimina nosso Eu e é conhecida e justificada apenas pela fé¹⁴.

¹² LUTERO, 2016: p. 364-365.

¹³ NETO, 2020.

¹⁴ CALDAS, Marcos José de Araújo. O Jovem Marx e Lutero. *Revista Jesus histórico: Revista de estudos sobre Jesus histórico e sua recepção*. Rio de Janeiro, RJ: UFRJ, v. 16, 2016, p. 49.

Se Marx foi confirmado na Igreja Evangélica da Renânia, muito embora seja uma igreja unida aos calvinistas, ela é notadamente luterana pelas razões já descritas anteriormente no texto usou um tema teologicamente muito caro a Lutero. Portanto, até seus 17 anos, Marx teve influência da teologia de Lutero, e carregou esta influência até a obra de sua maturidade intelectual, ao citá-lo em *O Capital*. Mas, antes de fazer uma breve descrição das citações de Lutero em *O Capital*, o artigo segue para uma análise do pensamento econômico de Martinho Lutero.

O PENSAMENTO ECONÔMICO DE MARTINHO LUTERO

Martinho Lutero viveu entre o fim do século XV e início do XVI, o tempo em que viveram os primeiros escritores mercantilistas e o desenvolvimento do mercantilismo como prática. Mas em sua época ainda não existia a ciência econômica, ou mesmo a economia política como a entendemos depois de Smith. Para Lutero, a economia era entendida como Aristóteles a compreendia, ou seja, administração do lar. Princípios de sua visão econômica está diluída em várias obras, como os catecismos menor e maior, *Da autoridade secular*, *À nobreza cristã da nação alemã*, mas suas obras específicas sobre economia são: *Prédicas semanais sobre Mateus 5-7*, *Comércio e Usura* e *Aos Pastores para que se pregue contra a usura*. Este último é o que é citado por Marx em *O capital*.

A questão principal para a compreensão da economia em Lutero é a ideia de que tudo vem de Deus. Em sua explicação para a parte “o pão nosso de cada dia nos dá hoje” na Oração do Pai Nosso em seu catecismo menor, Lutero amplia o conceito de pão nosso, afirmando que o pão não é apenas comida, mas tudo que é necessário para uma vida digna, física, espiritual, emocional e social, portanto, é comida, mas também família, bons vizinhos e bom governo.

Lutero afirma que Deus garante o sustento, então o fruto do trabalho humano deve ser para servir ao próximo. O trabalho visto como uma vocação ou *Beruf*, conceito bem explorado por Weber na Ética Protestante, deve ser graça para o próximo, Deus cura através do médico, ensina através dos professores, dá abrigo através dos construtores, roupas pelos alfaiates, e assim por diante. Este tipo de visão cria um forte senso de comunidade, de interdependência e ajuda mútua. Jørn Henrik Petersen, professor emérito de Ciência Política da Syddansk

Universitet (Universidade do Sul da Dinamarca), em artigo intitulado *Martin Luther and the Danish Welfare State* afirma o seguinte:

The first principle upon which the welfare state is founded is that the life of the single individual is entangled with the lives of all other individuals. That is a basic mutual dependency. Life itself, therefore, dictates a responsibility for taking care of the other, a view governing the normative theory as well as the secularized religion. The corresponding element in Luther's teaching is the sacramental community. Partaking in the sacrament is, Luther argued, meaningless if it does not change us so that we seek community with others. Selfishness must retreat before common solutions of social problems. Self-seeking love must retreat before altruistic, un-selfish love in community with all fellow human beings. Those seeking community with God are obliged to seek community with all others. In all his or her works the Christian has to serve and benefit others. Community means our basic dependence on others¹⁵.

Como *Beruf*, tendo o sustento garantido por Deus, o trabalho deixa de ser visto como um mero meio de sobrevivência, mas como uma vocação a serviço da comunidade. E muito embora não condene a riqueza e o “crescer na vida”, “prosperar nos negócios”, Lutero desestimula completamente meios ilícitos para isto, como a acumulação através da exploração do trabalho alheio. Esta questão será vista posteriormente. Por hora é importante destacar outro trecho do artigo de Petersen:

The welfare state is not a child of Luther as Böttger Sørensen argued, but Zetterberg is correct in maintaining that a welfare state like the Danish one most likely would not flourish if it had not been in a civilization Where values of neighborly love and charity had been preached for generations. Similarly Tim Knudsen is right in expecting several hundred years of

¹⁵ Em tradução livre: O primeiro princípio sobre o qual o estado de bem-estar social se baseia é que a vida de um único indivíduo está entrelaçada com a vida de todos os outros indivíduos. Essa é uma dependência mútua básica. A própria vida, portanto, dita a responsabilidade de cuidar do outro, uma visão que rege a teoria normativa, bem como a religião secularizada. O elemento correspondente no ensinamento de Lutero é a comunidade sacramental. Participar do sacramento é, argumentou Lutero, sem sentido se não nos mudar para que busquemos a comunidade com os outros. O egoísmo deve recuar diante de soluções comuns de problemas sociais. O amor egoísta deve recuar diante do amor altruísta e altruísta em comunidade com todos os seres humanos. Aqueles que buscam a comunhão com Deus são obrigados a buscar a comunidade com todos os outros. Em todas as suas obras, o cristão deve servir e beneficiar os outros. Comunidade significa nossa dependência básica dos outros. (PETERSEN, Jørn Henrik. *Martin Luther and the Danish welfare state*. Lutheran Quarterly, v. 32, n. 1, p. 18, 2018.).

Evangelical-Lutheran preaching to have had an impact at the societal level. Lutheran preaching is the back drop of the welfare state, not its sole cause¹⁶¹⁷.

Se séculos de pregações luteranas foram o pano de fundo para a consolidação do Estado de Bem-Estar dinamarquês, por que não influenciariam a sociedade da origem da Reforma Luterana? Muito embora Trier fosse uma cidade católica, nem Marx viveu sempre em Trier, nem Trier pode ser arrancada do resto da Alemanha. Em sua redação sobre a escolha de carreira em sua escola em Trier, o jovem Marx de 17 anos, confirmado como luterano há apenas um ano, escreveu:

O principal guia que deve nos orientar na escolha de uma profissão é o bem-estar da humanidade e o nosso próprio aperfeiçoamento ... a natureza humana é de tal modo constituída que o homem só atinge a própria perfeição trabalhando pelo aperfeiçoamento, pelo bem, de seus semelhantes ... Se ele trabalha só para si mesmo, pode vir a ser um erudito famoso, um grande sábio, um excelente poeta, mas jamais será um homem perfeito, um grande homem de verdade ... Se escolhemos a posição na vida em que possamos trabalhar principalmente pela humanidade, nenhum fardo nos há de derrubar, pois serão sacrifícios pelo benefício de todos; de modo que não sentiremos uma alegria mesquinha, limitada e egoísta, mas nossa felicidade será a de milhões, nossas proezas viverão em silêncio mas eternamente atuantes, e sobre nossas cinzas serão derramadas fervorosas lágrimas de pessoas nobres¹⁸.

Se a visão de Lutero sobre trabalho não influenciou Marx diretamente, é bem provável que o influenciou indiretamente. É provável que tenha aprendido, no ensino confirmatório em sua igreja, que os frutos do trabalho deveriam ser compartilhados por todos, a economia é para vida e reprodução da vida da comunidade, não uma experiência mesquinha para acumulação

¹⁶ Em tradução livre: O estado de bem-estar social não é filho de Lutero, como argumentou Bøttger Sørensen, mas Zetterberg está correto ao sustentar que um estado de bem-estar social como o dinamarquês provavelmente não floresceria se não estivesse em uma civilização onde os valores de amor ao próximo e caridade foram pregados por gerações. Da mesma forma, Tim Knudsen está certo em esperar que várias centenas de anos de pregação evangélica-luterana tenham tido um impacto no nível social. A pregação luterana é o pano de fundo do estado de bem-estar social, não sua única causa. PETERSEN, 2018: p. 23.

¹⁷ PETERSEN, 2018: p. 1-27

¹⁸ GABRIEL, Mary. *Amor & capital: A saga familiar de Karl Marx e a história de uma revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 29, 2013.

própria. De acordo com Wilhelm Wachholz, presidente da comissão que traduz as obras de Lutero para o português:

Lutero concebeu a economia a partir da casa (oikos), portanto, como economia doméstica. Segundo o reformador, a vida é dada através do pai e da mãe. Contudo, não pode ser reduzida à concepção individualista, privatista e de ruptura entre gerações. A vida tem origem na co-humanidade e sua existência somente pode ser garantida pela comunhão. Somente pela comunhão, a economia garante a vida (justa) como produção e reprodução da vida. A partir desta concepção, Lutero denuncia a economia como idolatria. A idolatria econômica não visa ao melhoramento nem está a serviço do próximo, mas, pela fraude, corrupção, usura, torna-se economia injusta, que mata¹⁹.

Tendo em mente este ponto, de que tudo vem de Deus, Deus já nos garante o sustento e o trabalho é para o benefício mútuo da sociedade, Lutero considerava a ganância e a avareza como pecados advindos devido à falta de confiança em Deus, que para o reformador é o pecado original. O pecado de Adão e Eva não foi a desobediência, isto já foi consequência do pecado original, a desconfiança que Deus é capaz de garantir tudo o que é necessário para viver. Portanto o avaro, o explorador, além de pecar contra o próximo, peca contra Deus, ao acumular sem necessidade, desconfiando de sua providência, amor e bondade²⁰.

Por isso, Lutero era extremamente duro com a burguesia e a nobreza de seu tempo, muito diferente da construção feita por alguns de um Lutero aliado à burguesia, especialmente quando se refere as revoltas camponesas. De fato, Lutero tomou lado, e não foi dos camponeses, mas as razões não eram de alinhamento ideológico com a burguesia, se tratava de muitas divergências teológicas com o grupo de Muntzer, que Lutero chamava de entusiastas.

O fato é que durante 1538 e 1539, mais de uma década após a Guerra dos Camponeses, a região de Wittenberg foi assolada por uma forte inflação dos alimentos, Lutero acusou diretamente dois nobres, Hans von Metzch e Friederich Brand von Lindau, de serem parcialmente culpados pela alta dos preços dos alimentos, chamando-os do púlpito de assassinos e ladrões, extremamente coerente com seu ensinamento no catecismo, antes já

¹⁹ WACHHOLZ, Wilhelm. Ética no pensamento de Lutero: a serviço da igreja, da economia e da política. *Revista Paralellus*, p. 208, 2018.

²⁰ Escreveu sobre isto em suas preleções sobre Gênesis.

ênfatisado neste texto. Ele ainda sugeriu ao príncipe João Frederico da Saxônia que proibisse tanto a compra como a exportação de grãos pelos nobres, na tentativa de conter a alta dos preços dos alimentos.

Feito esta introdução ao pensamento econômico de Lutero, o artigo irá agora debruçar-se sobre as duas obras escritas pelo reformador sobre o tema, antes da publicação de *Aos pastores para que pregue contra a usura*, texto de 1540 e que é o texto de Lutero citado por Marx em *O Capital*. O primeiro texto sobre economia de Lutero é *Comércio e Usura* de 1524, em meio ao calor das Guerras Camponesas. Porém, a motivação principal talvez tenha sido o debate de Leipzig onde Lutero enfrentou Eck, bastante conhecido por seus conhecimentos econômicos.

Particularmente Lutero teve certa experiência com a administração financeira, pois ele foi administrador financeiro de seu mosteiro. Na Idade Média, os mosteiros também funcionavam como bancos, em *Comércio e Usura*. Lutero demonstra ter relativo conhecimento de economia internacional e do lugar da Alemanha neste cenário.

O reformador começa fazendo uma análise sobre a formação dos preços, faz a crítica partindo de uma pergunta retórica sobre a burguesia. Lutero diz que os comerciantes partem do pressuposto “posso vender minha mercadoria tão caro quanto puder?” E faz a devida crítica, invertendo o princípio burguês de seu tempo “posso vender minha mercadoria tão caro quanto puder” para “Posso vender minha mercadoria tão caro quanto eu devo ou quanto é correto e justo?”. Aqui merece uma longa citação de *Comércio e Usura*:

Pois quando o olho do vilão e o ganancioso insaciável percebe que a gente depende de sua mercadoria, ou que o comprador é pobre e dela carece, ele se aproveita e eleva o preço; aí não considera o valor da mercadoria ou o serviço que presta com seu esforço e risco, mas apenas a necessidade e carência do próximo; não para vir em seu auxílio, mas para dela tirar proveito, aumentar o preço da mercadoria que, em condições normais, certamente deixaria no mesmo valor, caso não houvesse a carência do próximo. E assim, por causa de sua ganância, a mercadoria precisa custar tanto mais quanto maior for a necessidade do próximo, de modo que a necessidade do próximo acaba definindo o preço e o valor da mercadoria. Acaso não é esse um procedimento acristão e desumano? Não se está, dessa maneira, vendendo ao pobre sua própria carência? Pois se ele precisa pagar tanto mais caro quanto

maior for sua necessidade, isso equivale a ser forçado a comprar sua necessidade. Pois o que se vende a ele não é mera mercadoria, tal qual ela é por si mesma, e, sim com o complemento e acréscimo de ele estar carente dela. Vê, essa e similares abominações são a necessária consequência quando vigora o direito do “posso vender minha mercadoria tão caro como puder”. A regra não deveria ser: “Posso vender minha mercadoria tão caro quanto puder ou quiser.”, mas sim: “Posso vender minha mercadoria tão caro quanto eu devo ou quanto é correto e justo”. Pois teu comércio não deve depender totalmente de teu arbítrio e poder, independente de qualquer lei e medida, como se fosse um deus que não tem compromisso com ninguém. Muito antes, visto que esse teu comércio é uma atividade que praticas em favor de teu próximo, ela deve acontecer dentro de leis e em responsabilidade diante da consciência de tal maneira que se possa exercer sem dano e prejuízo para o próximo²¹.

Neste trecho de *Comércio e Usura* é preciso destacar três pontos: a própria concepção teológica de Lutero que o trabalho deve ser executado pensando no bem do próximo, a clara distinção que ele faz de preço e valor e, também, a descrença de Lutero no “livre-mercado”. Depois de estabelecer o princípio sobre o qual o preço deveria ser estabelecido, Lutero aconselha como deveria, na prática, o preço ser calculado:

Para avaliar tua remuneração nesse negócio e ofício, o melhor será computar e avaliar o tempo e a quantidade de trabalho em termos estimativos, tomando por comparação o que ganha por dia um diarista comum em sua atividade eventual; calcula então quantos dias gastastes para buscar e conseguir a mercadoria e quanto trabalho tivesse e qual o risco que correste. Porque quanto maior o trabalho, quanto mais tempo dispendido, tanto maior será a remuneração. Nessas coisas não é possível dizer ou ensinar algo mais aproximado, adequado ou certo. Quem não concordar, que o faça melhor. Minha fundamentação está (como disse) no Evangelho [Lc 10.7]: o trabalho merece seu salário. Em 1 Co 9.7 Paulo diz: “Quem pastoreia o rebanho tem direito ao leite. Quem pode ir à guerra a sua própria custa e soldo?” Se tiveres fundamentação melhor, eu não a contestarei²².

Aqui Lutero antecipa a própria teoria do valor trabalho e, de certa forma, isto é um passo para a compreensão da mais valia em Marx trezentos anos depois. No restante do texto Lutero vai se debruçar sobre empréstimos e a usura. No entanto, para os objetivos deste artigo, a parte

²¹ LUTERO, Martinho. *Comércio e Usura In: Martinho Lutero, Obras Seleccionadas*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2018p. 379-380.

²² LUTERO, 2018.

inicial sobre o comércio é a que mais interessa. Por hora o que importa saber de Lutero em *Comércio e Usura* é que ele era terminantemente contra a exploração, em uma riqueza conquistada através da miséria do outro.

Comércio e Usura de 1524 é obra de um professor universitário, doutor em teologia, estimulada especialmente por seu debate em Leipzig em 1519 com Jan Eck, seis anos depois, como pastor da Paróquia de Wittenberg, Lutero proferirá uma longa série de sermões expositivos, ou seja, comentando versículo a versículo, do evangelho de São Mateus entre outubro de 1530 e abril de 1532 nos cultos de quarta-feira. No púlpito de sua paróquia, Lutero combateu a ganância, a acumulação e o amor ao dinheiro ao comentar os versículos 19 a 21 e 24 do capítulo 6 do Evangelho de Mateus. O primeiro trecho do evangelho diz:

Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam; mas ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam nem roubam. Porque onde estiver o vosso tesouro, ali estará também o vosso coração²³.

Estas são palavras de Jesus no famoso *Sermão da Montanha*. Lutero então desenvolve seu entendimento sobre acumulação, função social da riqueza e assistência aos necessitados por parte do Estado e da Igreja. Mais uma vez, faz-se necessário uma longa citação, neste caso de um sermão, em que Lutero diz:

Meu comentário a este texto é o seguinte: Minha pessoa chamada “cristão” não deve preocupar-se com dinheiro nem acumulá-lo, mas prender-se exclusivamente a Deus em seu coração; exteriormente, entretanto, posso e devo usar os bens materiais para meu corpo e para outras pessoas; no que tange a minha pessoa secular, [devo e posso] acumular dinheiro e fortuna, no entanto não em demasia, para que não vire um avaro, que só cuida de si próprio e jamais pode estar satisfeito. Pois a pessoa secular precisa ter dinheiro, alimentos e provisões para seu país, seu povo ou outros que dele dependem. Se possível, dever-se-ia governar como o patriarca José no Egito, com todos os silos e tulhas repletos de provisões, administrando o país de tal maneira que tivesse cobertas todas as suas necessidades, tendo condições com as quais se pudesse ajudar e emprestar às pessoas, distribuindo quando houvesse necessidade; este seria um tesouro estupendo e um uso correto e cristão dos bens materiais; pois o que um

²³ Mateus 6: 19-21.

príncipe acumula ele não acumula para si próprio, mas como pessoa pública, sim, como pai comum ao país inteiro. Afinal não precisamos todos ser mendigos, mas cada qual deve prover-se com o suficiente para o seu sustento, sem ser um ônus para os outros, inclusive ajudando os outros. Portanto cada qual contribua para outros onde for necessário. Portanto cada cidade deve acumular o mais possível para as necessidades comuns, e adicionalmente cada paróquia deveria ter uma caixa comunitária para os pobres; este não seria um acúmulo iníquo de tesouros, mas cristão, pois não se trata de um tesouro destinado a satisfazer a ganância e o desejo, como é de praxe do mundo e a feição dos nossos padrecos, que até agora só acumulam dinheiro para entregar-se a seus prazeres, brincando com seus florins como as meninas com bonecas; mas no momento da necessidade, quando é preciso ajudar os outros, ninguém está em casa²⁴.

Em um mundo sem seguridade social, Lutero defende uma acumulação para o cuidado de si e dos outros na necessidade, o que pressupõe tempos de fome, doença ou velhice, e isto deveria vir especialmente do Estado e da Igreja. Tal fato pressupõe que Lutero tinha um entendimento da responsabilidade social do Estado. Fica claro que ele discorda de uma acumulação para sua ganância. Como já vimos neste artigo, no entendimento de Lutero, a riqueza de uns pode advir da pobreza de outros, neste caso isto é pecado de roubo e morte.

Em seguida em seu sermão, Lutero irá expor sobre Mateus 6, 24, em que Jesus fala que não se pode servir a dois senhores, Deus e Mamom, ou seja o dinheiro. Esse trecho, por ser um comentário mais teológico, não será abordado neste texto. O que mais importa é compreender a evolução do pensamento de Lutero sobre economia até chegar em seu texto mais maduro sobre a questão, *Aos pastores para que se pregue contra a usura* de 1540, escrito apenas seis anos antes de sua morte.

Jung Mo Sung em seu clássico artigo *Lutero, a crítica da idolatria do dinheiro e a dialética do possível* (2016), entende que sua crítica ferrenha contra a usura e a acumulação, deve-se ao fato que a acumulação gera um tipo novo de idolatria, a idolatria ao dinheiro. Teologicamente falando idolatria no cristianismo é adorar outro deus que não seja Cristo,

²⁴ LUTERO, Martinho. *Prédicas Semanais sobre Mateus 5-7 In: Martinho Lutero, Obras Seleccionadas*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2018, p- 435-436.

portanto o dinheiro se torna um deus, que só pode ser um deus contra Deus²⁵. Então Sung defende que Lutero entende que essa idolatria ao dinheiro causa um novo tipo de maldade, muito mais cruel que a maldade dos tiranos:

Lutero descobre na idolatria do dinheiro um novo tipo de maldade. Comparando os usureiros com tiranos malvados, ele diz que esses “têm que deixar as pessoas viver e confessar que são maus [...] Eles podem até ter que comiserar-se de vez em quando de algumas pessoas. Um usureiro e ganancioso, porém, gostaria que o mundo inteiro perecesse em fome, sede, miséria e desgraça, quando depende dele, para que pudesse apossar-se de tudo e cada qual recebe [sua parte] dele como de um deus e fosse eternamente escravo. [...] faz-se passar por inocente, quer ser considerado enaltecido como gente honesta e proba, bem mais misericordioso do que o próprio Deus”²⁶. Com essa comparação, Lutero distingue dois tipos de mal: o mal comum, como dos tiranos, que todos sabem que é mal; e o mal que se apresenta como bem e, por isso, não conhece limites. Esse é o mal por excelência, o mal da idolatria, o mal que se comete em nome de Deus. Por isso, ele diz que “não existe maior inimigo na terra (depois do diabo) do que um ganancioso ou usurário, pois ele quer ser deus sobre todas as pessoas”²⁷.

Podemos sintetizar o pensamento da seguinte forma: o sustento vem de Deus, portanto o fruto do trabalho deve ser para o bem da coletividade; Não matar e não roubar não é apenas tirar a vida ou um bem de alguém, mas não dar condições objetivas materiais para a vida digna do próximo, não apenas a mera sobrevivência; A ganância e a acumulação são frutos do pecado original, de desconfiar que Deus dá o sustento; A acumulação através da exploração do trabalho do outro é pecado contra os mandamentos de não matar e não roubar, ou seja, é roubo e assassinato; A acumulação deve ser para a manutenção da vida, e deve ser prioritariamente função do estado e da Igreja, não para a avareza e satisfação pessoal em detrimento do outro.

Este é o desenvolvimento do pensamento de Lutero sobre economia escrita na obra *Aos pastores para que se pregue contra a usura* de 1540. A seguir essa obra será abordada especificando nos trechos escolhidos por Marx no *Capital*.

²⁵ BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*, São Leopoldo: Sinodal, 2025.

²⁶ LUTERO, 2018, p. 480.

²⁷ SUNG, Jung Mo. Lutero, a crítica da idolatria do dinheiro e a dialética do possível. *Estudos de religião*, v. 30, n. 2, p. 35-36, 2016.

AOS PASTORES PARA QUE SE PREGUE CONTRA A USURA: A OBRA DE LUTERO CITADA POR MARX NO CAPITAL

Como já fora dito anteriormente, neste artigo, esta é uma obra da fase madura do pensamento de Lutero no que tange à economia, por se tratar da última. Também é importante retomar o contexto da feitura da obra, marcado por uma forte inflação de alimentos sofrida em Wittenberg por volta de 1540. Se *Comércio e Usura*, escrita 15 anos antes foi um livro do teólogo Lutero, e suas prédicas semanais em Mateus 6, *Aos pastores para que se pregue contra a usura* é uma obra do líder da Reforma na Alemanha, basicamente uma ordem aos pastores alemães para pregar contra a usura, como o próprio nome do livro diz.

No início do livro, Lutero diz que há quinze anos havia escrito contra a usura, ou seja, *Comércio e Usura*, e que tinha esperança de abolir a prática, mas que já que não era mais possível, então insta os pastores para que se pregue contra, na tentativa de minorar os prejuízos à cristandade. É interessante perceber como foram grandes as transformações econômicas em quinze anos no antigo território da Saxônia alemã, e que Lutero acreditou que poderia abolir a prática, e mesmo não acreditando mais, ainda continuou lutando contra a usura.

Aos pastores para que se preguem contra a usura é uma repetição aprofundada da parte sobre a usura de *Comércio e Usura*, porém com muito mais acidez. E justamente por se tratar de um aprofundamento de conceitos já utilizados em *Comércio e Usura*, o artigo fará apenas uma breve descrição das citações utilizadas por Marx em *O capital*.

Apesar do texto ser destinado a outros pastores, Lutero faz um estudo histórico sobre a usura e como ela quase arruinou países, citando Sólon, Alexandre o Grande e eventos em Roma, para fundamentar que a prática também afundará a Alemanha. Ele demonstra ter conhecimento econômico e saber como são os efeitos da usura na prática da vida social, por isso sua ira é derramada sobre os usurários:

Tem-se dito que atualmente se toma a cada Feira de Leipzig dez florins, o que equivale a trinta em cem. Alguns acrescentam ainda, que na Feira de Naumburgo o preço chega a quarenta a cem. Não sei se porventura não chega a mais ainda. Ai de ti! Diabos, onde vai para isso? Já não se trata mais apenas de juros mensais ou centésimos, ou seja, doze ao ano por cem, mas tricentésimos e mais ainda, ou seja, três florins e sete centavos em um mês. Não

são juros anuais e tampouco juros mensais, mas juros semanais; sim, isso já é uma verdadeira usura diária à moda dos judeus. Quem, portanto, agora possui cem florins em Leipzig, toma anualmente quarenta, isto significa devorar um camponês ou um burguês em um ano. Se ele possui mil florins, toma anualmente quatrocentos, isto significa devorar em um ano um cavaleiro ou um nobre rico. Se tem dez mil, então toma anualmente quatro mil, isto significa devorar em um ano um conde rico. Se tem cem mil, como deve ser entre os grandes negociantes, então toma anualmente quarenta mil, isto significa devorar em um ano um grande príncipe rico. Se possui um milhão, então toma quatrocentos mil anuais, isto significa devorar em um ano um grande rei. E ele não corre nenhum perigo com isso, seja no corpo, seja em mercadoria; não trabalha, mas, ao contrário, está assentado atrás da estufa e assa maçãs. Por conseguinte, um ladrão de cátedra desses pode ficar comodamente sentado em casa e em dez anos devorar um mundo inteiro²⁸.

Marx cita diretamente Lutero em um dos capítulos mais lidos e mais importantes de *O Capital*, o vinte e quatro, *A assim chamada acumulação primitiva do capital*, mais especificamente na parte seis, sobre a origem do capital industrial. E a citação direta dá a entender que Marx considera Lutero, o primeiro a usar a expressão Sociedade Monopolista: “O sistema colonial amadureceu o comércio e a navegação como plantas num hibernáculo. As “sociedades *Monopolia*”^z (Lutero) foram alavancas poderosas da concentração de capital”²⁹.

Todas as outras citações de Marx a Lutero são em notas de rodapé, para uma melhor compreensão e uma visão holística das citações de Lutero em notas de rodapé, propõe-se a tabela seguinte:

²⁸ LUTERO, Martinho. Aos pastores para que se preguem contra a usura. In: *Martinho Lutero, Obras Seleccionadas*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2018, p- 446-493.

²⁹ MARX, Karl. *O Capital-Livro 1: Crítica da economia política. Livro 1: O processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo Editorial, p.335 2013.

Tabela 1. Citações de Lutero em O Capital de Marx

Nota	Capítulo	Página	Texto da nota
96	3 – O dinheiro ou a circulação de mercadorias	618	Lutero diferencia o dinheiro como meio de compra e como meio de pagamento. “Assim fazes com que o juro de compensação de perdas [Schadewacht] seja duplicado, pois por um lado não sou pago, e, por outro, não posso comprar”, Martinho Lutero, <i>An die Pfarrherrn, wider den Wucher zu predigen</i> (Wittenberg, 1540).
15	5 – O processo de trabalho e o processo de valorização.	631	“Deixe que eles se exaltem, adornem e enfeitem [...]. Mas quem toma mais ou algo melhor” (do que dá) “é um usurário, e o que alguém assim faz é não prestar serviço, mas trazer prejuízo a seu próximo, como seria o caso se ele furtasse e roubasse. Nem tudo o que se chama serviço e boa ação ao próximo é realmente serviço e benefício, pois um adúltero e uma adúltera prestam um ao outro um grande serviço e benefício. Um cavaleiro presta um grande serviço cavaleiresco a um assassino e incendiário quando o ajuda a roubar nas estradas e a arruinar terras e gentes. Os papistas prestam um grande serviço ao nosso povo ao não afogá-lo, queimá-lo, assassiná-lo e deixá-lo apodrecer na prisão, mas permitir que alguns vivam, e então bani-los ou despojá-los de tudo o que possuem. Até mesmo o diabo presta a seus servidores um grande e inestimável serviço [...]. Em suma, o mundo está cheio de grandes e excelentes serviços e boas ações cotidianas”, Martinho Lutero, <i>An die Pfarrherrn, wider den Wucher zu predigen</i> (Wittenberg, 1540).
206	9 – Taxa e massa do mais valor.	656	Martinho Lutero chama tais instituições de “A Sociedade Monopolia”.
34	22 – Transformação de mais-valor em capital.	713-714	Na forma arcaica, ainda que constantemente renovada, do capitalista, ou seja, no usurário, Lutero ilustra muito corretamente o afã de poder como elemento do impulso de enriquecimento. “Pela razão, os pagãos puderam deduzir que um usurário é um ladrão e assassino elevado à quarta potência. Mas nós cristãos o honramos a tal ponto que quase o adoramos por seu dinheiro [...]. Quem suga, rouba ou subtrai o alimento de outrem comete um assassinato tão grande (no que lhe diz respeito) como aquele que o deixa morrer de fome ou o arruína por completo. Mas é isso que faz um usurário, sentado com toda a segurança em sua cadeira quando deveria estar dependurado numa forca e ser devorado por tantos corvos quantos fossem os florins que ele furtou, se fosse possível que houvesse carne suficiente para que tantos corvos pudessem despedaçá-la e reparti-la entre si. Enquanto isso, enforcam-se os pequenos ladrões [...]. Pequenos ladrões vão para o cadafalso, ladrões grandes se pavoneiam cobertos de ouro e

Nota	Capítulo	Página	Texto da nota
			seda. [...] De maneira, portanto, que não há sobre a Terra maior inimigo do homem (depois do Diabo) do que um avaro e usurário, pois ele quer ser Deus sobre todos os homens. Turcos, guerreiros e tiranos são também homens maus, mas se veem obrigados a deixar as pessoas viverem e a confessar que são maus e inimigos. E eventualmente podem, e inclusive devem, apiedar-se de algumas delas. Mas um usurário e avaro desejaria que todo mundo morresse de fome e sede, de tristeza e miséria, no que dependesse dele, pois assim teria tudo para si, e que todos recebessem dele como de um Deus e se tornassem eternamente seus servos. Vestir mantos, portar correntes de ouro, anéis, limpar o focinho e fazer-se reverenciar como homens virtuosos e piedosos [...]. A usura é um monstro grande e descomunal, qual um lobisomem que tudo devasta, mais do que qualquer Caco, Gerião ou Anteu. E, no entanto, enfeita-se e se faz de mansa, para que ninguém possa ver onde foram parar os bois que ela faz andar para trás até sua cova. Mas Hércules há de ouvir os bramidos dos bois e dos prisioneiros e buscará Caco entre as rochas e escolhos e libertará os bois do maligno. Pois Caco é o nome de um vilão, um usurário hipócrita que furta, rouba, devora tudo. Finge não ter feito nada e pretende que ninguém o descubra, porque os bois puxados para trás para seu antro deixam rastros e pegadas como se ele os tivesse soltado. Portanto, o usurário também quer enganar o mundo, como se ele fosse útil desse bois ao mundo, quando na verdade os toma só para si e os devora. [...]. E, do mesmo modo como os assaltantes de estrada, os assassinos e bandidos são submetidos ao suplício da roda e decapitados, com muito mais razão deveriam todos os usurários ser supliciados e mortos [...] banidos, amaldiçoados e decapitados”, Martinho Lutero, <i>Na die Pfarrherrn, wider den Wucher zu predigen</i>, cit.

Fonte: MARX, Karl. *O Capital: Crítica da economia política, livro 1: O processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

É perceptível que Marx utiliza da crítica de Lutero contra a usura para fundamentar a sua compreensão de mais-valor, ou seja, a usura na compreensão de Lutero, foi utilizada por Marx para compreender como a burguesia enriquece às custas do trabalho alheio, seja explorando seu trabalho ou seu salário e cobrando juros abusivos, que como disse Lutero:

“comem da nossa cozinha, bebem da maior parte de nossa adega.”³⁰ Portanto, Marx se utilizou de Lutero para um conceito fundamental de seu pensamento. Neste mesmo sentido, Oneide Bobsin destaca que:

O interesse de Marx em resgatar os textos e prédicas de Lutero sobre o comércio e contra a usura cabe bem em sua teoria a respeito do desenvolvimento do capitalismo industrial. Ele tem a sua origem na usura e no capital do usurário, pelo menos em seus aspectos internos à Europa. Contudo, é preciso relativizar um pouco o apreço de Marx por Lutero, por ele ter tido que o reformador havia adotado um ponto de vista católico-pagão. Em outras palavras, o pagão se refere à influência de Aristóteles, que em sua obra clássica, denominada *Política*, também questionou a usura. E o termo católico se refere aos teólogos medievais e os juristas que rechaçavam a usura³¹.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo procurou defender a ideia de que Karl Marx foi, nem que seja apenas em sua juventude, um luterano. Mesmo que tenha cumprido o que se esperava dele, a confirmação de seu batismo aos 16 anos para fins meramente seculares, como conseguir um bom emprego, Marx de fato demonstra conhecer e até mesmo apreciar as ideias “econômicas” de Lutero, a quem chamou de o “primeiro economista alemão”³². O fato é que a Reforma Luterana moldou a Alemanha, um país de filósofos, teólogos e músicos era o sonho do reformador, que se concretizou com maestria, o país de Bach, Hegel, Bonhoeffer, dentre muitíssimos outros, também é o de Marx.

REFERÊNCIAS

FONTES

LUTERO, Martinho. Catecismo Maior *In: Martinho Lutero, Obras Seleccionadas*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2016, p- 325-446.

LUTERO, Martinho. Comércio e Usura *In: Martinho Lutero, Obras Seleccionadas*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2018, p- 374-428.

³⁰ LUTERO, 2018, p. 491.

³¹ BOBSIN, Oneide. Protestantismo em Marx–Economia e Teologia. *REFLEXUS-Revista Semestral de Teologia e Ciências das Religiões*, v. 14, n. 2, p. 568, 2020.

³² BOBSIN, 2020.

LUTERO, Martinho. Prédicas Semanais sobre Mateus 5-7 In: *Martinho Lutero, Obras Seleccionadas*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2018, p- 429-445.

LUTERO, Martinho. Aos pastores para que se preguem contra a usura. In: *Martinho Lutero, Obras Seleccionadas*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2018, p- 446-493.

OBRAS DE APOIO

BOBSIN, Oneide. Protestantismo em Marx–Economia e Teologia. *REFLEXUS-Revista Semestral de Teologia e Ciências das Religiões*, v. 14, n. 2, p. 555-571, 2020.

BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*, São Leopoldo: Sinodal, 2025.

CALDAS, Marcos José de Araújo. O Jovem Marx e Lutero. *Revista Jesus histórico: Revista de estudos sobre Jesus histórico e sua recepção*. Rio de Janeiro, RJ: UFRJ, v. 16, 2016.

GABRIEL, Mary. *Amor & capital: A saga familiar de Karl Marx e a história de uma revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

MARX, Karl. *O Capital: Crítica da economia política, livro 1: O processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

NETO, José Paulo. *Karl Marx, uma biografia*. São Paulo: Boitempo, 2020.

PETERSEN, Jørn Henrik. Martin Luther and the Danish welfare state. *Lutheran Quarterly*, v. 32, n. 1, p. 1-27, 2018.

PINKUSS, Fritz. Tipos de Pensamento Judaico (IV). *Revista de História*, São Paulo, v. 51, n. 101, p. 25–40, 1975

KARMENKA, Eugene. *The portable Karl Marx*, New York: Penguin Books, 1983

SUNG, Jung Mo. Lutero, a crítica da idolatria do dinheiro e a dialética do possível. *Estudos de religião*, v. 30, n. 2, p. 21-39, 2016.

WACHHOLZ, Wilhelm. Ética no pensamento de Lutero: a serviço da igreja, da economia e da política. *Revista Paralellus*, p. 199-214, 2018.

Recebido em: 26/07/2025 - Aprovado em: 14/11/2025.